

FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS DA EDUCAÇÃO EM ERNANI FIORI

DUARTE, Alisson José Oliveira - UNIUBE - alisson-duarte@hotmail.com

ABREU-BERNARDES, Sueli Teresinha - UNIUBE – gui2009@terra.com.br

ET: Educação, arte e filosofia / n.º 01

Introdução

Essa pesquisa é parte integrante do projeto: “Interações Educação, Arte e Filosofia: aportes para a formação humana e o exercício da professoralidade” e refere-se ao estudo das relações educação e filosofia na década de 60 no Brasil. Associa-se igualmente à Rede de pesquisadores sobre os Professores no Centro-Oeste – REDECENTRO. Buscamos, através desse trabalho, rever as principais contribuições do filósofo brasileiro Ernani Maria Fiori para o fundamento da Educação Popular.

Quando se fala em Educação Popular no meio acadêmico frequentemente Paulo Freire é o primeiro autor a ser lembrado. Não temos dúvidas quanto aos méritos e contribuições de Freire no campo da Pedagogia, sobretudo no desenvolvimento da Educação Popular. No entanto, antes de Freire, um filósofo brasileiro na década de 50 já lançava as bases de uma pedagogia da libertação, com foco na autonomia do saber popular. Esse filósofo foi Ernani Maria Fiori (1914-1985).

Fiori foi conhecido em toda América Latina através de seminários e palestras. Em 1963 aderiu à Ação Popular (AP) e durante a ditadura militar de 1964 exilou-se no Chile e no Peru. Nesse período, foi acusado de práticas subversivas contra a ideologia do governo.

Em seu trabalho de conscientização e de educação popular, destaca-se por ser contemporâneo aos estudos de Paulo Freire. Aliás, é importante ressaltar que Fiori e Freire se conheceram no início da década de 60. Desde então selaram uma grande amizade que perdurou durante muitos anos. Em 1967, no auge da censura e da repressão militar, enquanto ambos permaneciam exilados no Chile, o filósofo gaúcho colaborou com Freire em seus trabalhos relacionados à Educação Popular.

A pedido de Freire escreveu o prefácio do livro “Pedagogia do Oprimido” (FREIRE, 1987).

Ernani foi militante na luta pela liberdade e autonomia do povo e acreditou profundamente na capacidade crítica do brasileiro a despeito de crenças pré-concebidas que contestavam essa capacidade. Para ele, “o filósofo, mais do que ninguém, tem a importantíssima missão de desmistificar a consciência humana” (FIORI, 1991, p.168).

Educação popular: autonomia e liberdade

Os trabalhos de Educação Popular de Ernani Fiori iniciam-se, sobretudo, a partir das conferências sobre a reforma agrária em 1958, no Instituto de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul. Tais conferências renderam ao autor a publicação de um ensaio que ele intitulou de “Propriedade viva e propriedade morta”, onde aborda a questão da propriedade como condição fundamental ao exercício da liberdade. Para ele sem propriedade não pode haver liberdade (FIORI, 1991).

Mas, a questão da propriedade nos remete a outro aspecto de grande valor da educação popular de Ernani Fiori, talvez o mais importante. Depois de adquirida e conquistada à propriedade física, o sujeito, na luta pelo vir a ser homem, deve “agora” conquistar a propriedade sobre si mesmo e sobre sua história:

O ser do homem só é verdadeiramente pessoa enquanto dono do seu destino, enquanto capaz de consciente e livre autodeterminação. Não se trata, apenas, de escolher; trata-se de dominar-se e realizar-se — não só de liberdade inicial, mas liberdade de autonomia (FIORI, 1991, p.237).

Nosso filósofo afirma que o homem só se realiza enquanto sujeito a partir do momento em que ele assume a responsabilidade de seu próprio destino. Para ele o mundo é um grande teatro no qual o homem deve ser o protagonista de si mesmo. Só através da autonomia o homem se hominiza, do contrário sempre será um mero reprodutor do EU de outros homens e um objeto das consciências dominadoras. Fazer história é para Fiori o próprio ato de autonomia e liberdade.

Só uma educação realmente libertadora pode devolver ao sujeito sua autonomia de atuar ativamente no mundo. Mas a Educação libertadora não pode ser uma educação formatada e entregue ao sujeito como um saber que se dá enquanto o outro apenas recebe passivamente, seria alienação do mesmo jeito. A verdadeira

educação dá condições de o sujeito ser no mundo e produzir seu próprio conhecimento (FIORI, 1991).

Nesse percurso de conscientização histórica, de fazer história e de hominizarse, é fundamental que o sujeito passe por dois passos de um processo: A conscientização da cultura (aculturar-se/aprender), e o ato de fazer cultura (criar/refazer). No primeiro passo o sujeito se reconhece e se constrói a “imagem e semelhança de outros homens”; no segundo, o sujeito se firma enquanto homem criatura humana capaz de fazer cultura e ser no mundo uma presença absoluta (FIORI, 1991).

Conscientização histórica

Para Fiori, a consciência do mundo é autoconsciência histórica de si mesmo, é um saber-se fruto de uma cultura, de uma época e de um mundo. Toda consciência do mundo implica na autoconsciência da própria personalidade. A esse respeito, o autor ainda ressalta que no processo de tomada de consciência do mundo, é primordial que o sujeito se distancie de si mesmo para se vê enquanto ser atuante desse mundo. Nesse momento de distanciação, ele será capaz de ver o mundo pelo seu reverso, em “suas raízes e em sua verdade” (FIORI, 1987, p.37). Distanciando-se do objeto, o sujeito tem a oportunidade de ver como ele vive e como o mundo atua sobre sua consciência, e ao observar o mundo que lhe constituiu, o sujeito vai se re-descobrendo enquanto presença significativa desse mundo (FIORI, 1980, p.9).

Mas não basta conhecer o mundo ou se apropriar da cultura. Isso seria tão somente a reprodução do mesmo. Aprender não deve ser apenas receber, repetir e ajustar-se. Pelo contrário, ele defende o oposto; para ele a verdadeira aprendizagem deve promover no sujeito a capacidade de recriar e desadaptar-se dos padrões. O processo cultural deve ser dinâmico, em um constante fazer-se e refazer-se, caso contrário é reprodução de cultura morta (FIORI, 1987).

Fiori destaca que alfabetizar- não é aprender a repetir palavras, mas dizer a sua própria palavra. “A palavra repetida é monólogo das consciências que perderam sua identidade, isoladas e imersas na multidão anônima” (FIORI, 1980, p.14). A bravura de dizer a própria palavra reflete a coragem de se impor e de se fazer presente no mundo. “A palavra humana, deve imitar a palavra divina: Deve ser criadora” (FIORI, 1980, p.14).

A grande aventura do homem não é ser uma cópia do mundo, mas um sujeito capaz de atuar no mundo, transformando-o e contribuindo ativamente para a continuação de sua história. Aqui consiste o grande desafio do oprimido: deixar de viver a verdade que lhe foi imposta para tomar posse de si mesmo enquanto sujeito capaz de autoproduzir-se (FIORI, 1980).

No entanto, Fiori adverte que a cultura popular não deve ser extensão da cultura erudita, a autêntica educação popular deve ser feita *pelo* povo, e não *para* o povo (FIORI, 1987). Isso por que:

A dominação também se disfarça em cultura erudita que, desde sua eminência, pretende dizer a palavra libertadora do povo e orientadora de sua cultura. A cultura popular é um processo global, no qual os intelectuais devem renunciar ao seu mandarinato para serem, tão-só, os participantes de uma ação cultural comum (FIORI, 1991, p.94).

O pensador da cultura comenta que o saber nunca devia ter sido institucionalizado nas escolas e nas universidades, pois isso foi um mecanismo de alienação; defende o ideal de uma sociedade que por si só fosse uma grande escola (FIORI, 1991).

Ele convida o povo através da colaboração participativa e intersubjetiva, a lutar pela transformação da realidade onde o saber popular vigore sobre os saberes mistificadores.

Considerações finais

Desde as primeiras propostas de Educação Popular de Ernani Fiori passaram-se mais de cinco décadas e ainda hoje carecemos de uma “revolução” educacional capaz de romper com os velhos modelos pedagógicos que insistem em fragilizar a capacidade crítica e criativa do povo.

Nas escolas os alunos ainda são submetidos à reprodução de conteúdos distantes de sua realidade cotidiana. É como se as instituições de ensino regular tivessem apenas o propósito de formar “máquinas” informatizadas capazes de reproduzir informações nas provas de vestibulares. Não precisamos apenas de profissionais altamente informatizados de cultura morta, precisamos de pessoas capazes de transformar, recriar e atualizar a cultura de nosso tempo.

O que se percebe é que essa relação de improdutividade cultural vem sendo determinada por meio do velho modelo pedagógico mestre/aprendiz, onde o mestre por tradição deve ser alguém superior ao aprendiz, enquanto o aluno deve apenas

aceitar as verdades que lhe são impostas. Nesse paradigma, coloca-se o aluno em uma condição de impotência e passividade frente ao saber do professor, quando na verdade esse em sua condição de orientador devia mostrar ao estudante suas potencialidades e suas condições de exercer a produção de seu próprio conhecimento.

A escola ainda não conseguiu absorver que a educação deve libertar e dar condições para o sujeito dinamizar a cultura, ao invés de torná-la estática, cristalizada e sem qualquer abertura para o novo. Assim como Fiori, pensamos na utopia de uma sociedade capaz de produzir “artistas” militantes do novo e não somente “artesões” repetidores do já existente.

Referências

FIORI, Ernani Maria. Aprender a dizer sua palavra (Prefácio). In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Ed: Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1980.

FIORI, Ernani Maria. **Textos Escolhidos: Metafísica e História**. Porto Alegre: Ed: L&PM, 1987, v. 1.

FIORI, Ernani Maria. **Textos Escolhidos: Educação e Política**. Porto Alegre: Ed: L&PM, 1991. v. 2.